


RESENHA

Uribe, Íris F. S. *Ontologia e estética em Luigi Pareyson*. 2. ed.
– Jundiaí, SP: Paco, 2021.

 10.21680/1983-2109.2022v29n59ID27687

Ubiratane Rodrigues

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

 0000-0001-8101-9616

ubiratanerodrigues@gmail.com

1. A segunda edição ampliada de *Ontologia e estética em Luigi Pareyson* é um trabalho consistente da filósofa, professora e tradutora Íris Fátima da Silva Uribe. Como filósofa ela nos apresenta uma rigorosa interpretação da obra de Pareyson em diálogo com as teorias estéticas ocidentais; como professora nos guia de forma didática nos conceitos que se interconectam e sustentam o nexo direto entre ontologia e estética no pensamento pareysoniano e como tradutora, ela nos possibilita conhecer a teoria de Pareyson e seus comentadores sem tradução para a língua portuguesa. Todos esses momentos indissociáveis, revelam-nos um pensamento sistemático e focado na apresentação de suas próprias ideias e da defesa de seus argumentos filosóficos presentes em seu livro.

A obra contém dois prefácios, um do professor Luis Uribe e o outro do professor Gianluca Cuzzo, dois anexos, uma introdução e se divide em três partes, a saber: *Ontologia do inexaurível*; *Estética e interpretação* e a *Estética da forma e metafísica da figuração*. Por gentileza e cuidado com seu/sua leitor/a, Íris Uribe nos fornece em um de seus anexos, uma biografia desse pouco estudado filósofo italiano no Brasil.

Percebe-se, desde o início da leitura do livro, que há uma limpidez na escrita que nos guia de conceito em conceito num movimento em espiral. De um lado, a autora não nos abandona no esforço de retornar às partes anteriores para rever ou relembrar de argumentos passados, e de outro, ela nos convoca ao estudo e aprofundamento das obras citadas na exposição de sua pesquisa. Pode-se dizer, portanto, que essa obra retorna ao público mais forte e determinada em

contribuir para os estudos de Estética e Filosofia da Arte, mas sobretudo, com as pesquisas sobre o pensamento filosófico de Luigi Pareyson.

2. É importante salientar que antes de adentrar na hermenêutica pareysoniana, e sistematicamente fundamentar a estética da formatividade, Íris Uribe nos introduz no pensamento de Pareyson, preparando-nos o caminho da intrínseca e necessária relação entre Ontologia e Estética no filósofo de Turim. Sem perder a perspectiva da arte e da estética, ela nos faz compreender que entre o conceito de contemplação, apresentado no último capítulo, e o conceito de inexauribilidade do ser, apresentado no primeiro, há uma conexão interna que centra na categoria da pessoa o ponto de partida e chegada que caracteriza o personalismo pareysoniano. Assim, podemos dizer que, a divisão das partes do livro é apenas de caráter pedagógico e metodológico para uma melhor apresentação da filosofia pareysoniana, e não uma hierarquia conceitual, resguardada a historicidade dos conceitos no pensamento do filósofo.

3. Na primeira parte do livro, a autora, sem perder o foco da estética, estabelece as bases da ontologia do inexaurível. Vemo-la se mover nas cercanias do ser na busca de uma rigorosa fundamentação ontológica da estética pareysoniana. Ela apresenta o conceito de inexauribilidade como não redutível a uma única categoria, não podendo ser definida unilateralmente, mas na diversidade de sua apresentação, ou seja, nas diferentes formas de dizer o ser. O conceito de inexauribilidade, a primeira vista, parece um recurso retórico de caráter relativista. Entretanto, tem-se, nessa primeira parte da obra, o esforço da autora em demonstrar com Pareyson que, em última instância, o problema do ser encontra-se na sua inexauribilidade, isto é, nas suas diversas interpretações, sem recurso ao relativismo. A busca pela definição do ser de forma unilateral é um equívoco que impede sua compreensão, segundo nossa autora.

Os desdobramentos da inexauribilidade leva-nos ao problema da verdade como algo que para Pareyson “é inseparável de toda interpretação, sem, contudo, nunca se identificar com ela, entretanto não se pode nem afirmar que a verdade nunca se manifesta em si, mas somente em outra coisa, que a palavra seja sede inadequada da verdade” (p. 39). Disso, reforça-se que a ontologia do inexaurível não implica um relativismo, posto que a verdade não é *una*, mas dá-se por meio de diversas formas de interpretação. Partindo dessa descoberta, a autora estabelece a interconexão entre verdade e interpretação presente no pensamento pareysoniano, apontando assim, para um discurso heterogêneo.

A verdade e sua interpretação são inseparáveis. Parece ser esse o ponto em que podemos encontrar os elementos para responder sobre a validade das diversas interpretações das obras de arte. O que chama atenção nesse contexto é a assertiva de que, “a verdade contém o próprio critério para o discernimento entre as muitas interpretações” (p. 42). Tal critério não implica a redução da verdade à técnica, isso inviabilizaria a relação dialética entre a obra de arte e sua interpretação, e, por conseguinte, a tese da inexauribilidade da própria obra de arte. Ao pensarmos os critérios da verdade, não pensamos, segundo a autora, no campo nem do subjetivismo, nem do objetivismo, mas no campo da metafísica e do personalismo.

No seio do pensamento do inexaurível temos a chave ontológica da abertura do homem ao ser e às suas várias formas de possibilidades de relação. Ora, a interpretabilidade do ser é a condição de sua indefinição, de sua indeterminabilidade, sendo sua compreensão um evento pessoal. Temos assim, em Pareyson, segundo Íris Uribe, um personalismo ontológico interligado tanto a ontologia do inexaurível quanto a teoria estética do filósofo de Turim.

Depois de afirmar que a “reflexão filosófica sobre a experiência estética [...] é sempre interpretação” (p. 53), a autora segue cuidadosamente os passos teóricos de Pareyson para demonstrar, a partir do símbolo e da metáfora, a *inexauribilidade da transcendência*, deixando-nos claro que, não há separação entre a *fisicidade e a transcendência*. Nesse sentido, ela nos apresenta que, segundo o filósofo de Turim, a questão da inexauribilidade do ser como fundamento da sua presença e ulterioridade nas formas históricas é respondida por meio da negação da metafísica objetiva.

Na conclusão da primeira parte do livro temos: o acesso ao ser se dá pela interpretação que cada um/uma faz pela experiência, e que não se pode falar do ser sem falar do homem. Ao fim da primeira parte de *Ontologia e estética em Luigi Pareyson*, temos a exposição/demonstração da relação direta entre a ontologia do inexaurível e a questão da liberdade, em que o homem aparece como liberdade dada.

4. A questão da liberdade dada e da posição do homem na ontologia do inexaurível, reforça o personalismo pareysoniano. Assim, na segunda parte do livro, *Estética e Interpretação*, a autora trabalha como se dá a relação entre a pessoa e a arte. Nessa parte há um aprofundamento na categoria do personalismo ontológico, uma vez que a pessoa é apresentada como coincidência de autorrelação e de heterorrelação. Disso decorre o trabalho para diferenciar o

conceito de pessoa da ideia de subjetividade moderna e da filosofia do espírito, diferenciação fundamental para apresentação do caráter pessoal da arte em relação recíproca com a expressividade característica da forma.

Constata-se na segunda parte do livro que, a autora se empenha em evidenciar uma antropologia filosófica centrada na categoria de pessoa. Essa antropologia aparece na dialética entre grandeza e miséria do humano, mas que tem como elemento central a liberdade. As consequências dessa antropologia filosófica para a estética pareysoniana se manifestam, por exemplo, na dialética da inseparabilidade entre conteúdo e forma. A partir disso, a autora traça os principais argumentos de Pareyson para fugir do formalismo, ou ainda, para defender que não é uma escolha entre formalismo nem conteudismo o centro de seu pensamento, já que, segundo ela, “[...] a estética deve pôr-se em condições de dar conta de qualquer tipo de arte. O ponto de vista da estética deve ir além de qualquer conflito” (p. 82).

A antropologia filosófica pareysoniana não está desvinculada de sua teoria estética, ao contrário, ela é fundamental, como bem demonstra a autora, para o conceito de *Formatividade*. Destaca-se ainda, no último tópico da segunda parte do livro, a relação entre arte, vida e filosofia como fulcral nas preocupações pareysonianas, pois nos remete ao posicionamento da arte no interior do desenvolvimento do pensamento filosófico ocidental, ademais, reforça o valor da autonomia da obra de arte. Desse modo, fica aberta a relação entre arte e filosofia, tendo como horizonte de definição a vida como ponto de mediação entre as duas. Portanto, a relação entre arte e filosofia deve ser pensada, na perspectiva de Pareyson, desde sua filosofia personalista e sua ontologia do inexaurível.

5. Na terceira e última parte do livro, a autora nos apresenta os argumentos da *Estética da forma e metafísica da figuração*. Para isso, ela inicia problematizando a relação entre os processos de formação de conteúdo e de formação da matéria, para desconstruir as tentativas reducionistas das teorias estéticas à uma única dimensão da obra.

Íris Uribe demonstra que, em Pareyson, a estética se constitui tanto por meio do “caráter especulativo da reflexão filosófica como com o contato vital com a Experiência” (p. 153). A tentativa de definir o que seja a arte parece ter sido um grande problema para muitas teorias estéticas, mas em Pareyson a *operação própria dos artistas* chama-se *formatividade, entendida como movimento* (p. 154). Seguindo os passos da autora, deparamo-nos com a seguinte pergunta: *Em*

que sentido a arte pode constituir a renovação do pensamento? Essa questão mobiliza os principais conceitos que estabelecem as diferenças entre Pareyson e a tradição do pensamento estético. Íris Uribe, então, aponta o âmbito ontológico como lugar privilegiado da análise da estética pareysoniana. Esse lugar desvia-se das reduções ao formalismo ou ao conteudismo, pois, como ela já nos apresentou, e agora reforça: “Dizer, pois, que a forma é matéria formada é o mesmo que dizer que ela é coincidência perfeita de forma e conteúdo: matéria formada é matéria humanizada, espiritualizada, impregnada de significado e de expressividade” (p. 170). Entre outras coisas, a autora está preocupada em garantir, com Pareyson, a autonomia da arte no debate filosófico. E ainda, garantir o movimento do pensamento no mundo sem a necessidade de morada eterna no empírico. Um movimento filosófico sem padronização de normas fixas para o fazer artístico ou para sua posterior interpretação.

A exposição da teoria da formatividade ganha consistência nessa última parte do livro, pois, a partir dos argumentos expostos, Íris Uribe pode afirmar o princípio da formatividade: “o formar como fazer inventando o modo de fazer”. Estamos no centro da estética pareysoniana, pois este princípio envolve tanto a vida espiritual quanto a “vida prática” do fazer artístico. Todo o esforço da autora, nesse sentido, é demonstrar as leis presentes no movimento da formatividade. Seja na compreensão do próprio conceito, seja na execução da obra de arte. Isso leva Pareyson, segundo ela, a desenvolver “[...] um conceito de arte como atividade formativa, inventiva, original, criadora, consistindo numa presença da pessoa na arte” (p. 199).

Pode-se dizer, portanto, que a hermenêutica da obra de arte necessita tanto do conceito de pessoa como do conceito de inexauribilidade do ser. Isso, segundo a autora, traz uma inovação para o cenário teórico da estética na Itália, predominantemente, até então, croceana. Uma contribuição central da obra de Iris Uribe é a exposição da dialética entre a distinção de forma formante e forma formada, sendo importante salientar, que a interpretação joga nessa dialética como fundamental.

Desde a exposição da dialética supracitada, Íris Uribe passa à demonstração dos argumentos da *exemplaridade da obra de arte*. Isso a coloca no interior do debate, como todo o seu livro, da estética italiana. No cerne do problema temos a especulação estética, ou melhor a reflexão sobre o argumento de que “[...] o processo de formação da obra de arte não foi objeto de consideração filosófica” (p. 227). Nossa autora, expõe então, uma apresentação sobre a singularidade da obra de arte, que em sua execução, com suas leis

próprias, põe-se em diálogo com a história da arte, diálogo que traz consigo a questão da mimese no centro do processo de singularização da obra de arte, remetendo-nos, deste modo, à especulação sobre a originalidade e a continuidade da obra de arte.

Nos dois últimos tópicos da terceira parte de sua obra, a autora nos apresenta o problema da contemplação e da interpretação, cabe ressaltar que tanto o tema da interpretação como da contemplação perpassam todo o livro *Ontologia e estética em Luigi Pareyson*. Porém, nesses dois últimos tópicos, eles se tornam mais sistematizados do ponto de vista da conceituação e relação com o pensamento estético de Pareyson. É quase tautológico dizer que esses dois elementos da estética pareysoniana são indissociáveis. Ademais, não percamos de vista que estamos na esfera da contemplação estética, o que implica tanto a pessoa quanto a obra de arte. Assim, todos os elementos que permeiam a construção teórica do personalismo pareysoniano e da teoria da formatividade estão imbricados na contemplação estética desenvolvida pelo filósofo de Turim.

6. Em sua exposição argumentativa, Íris Uribe demonstra que, na estética pareysoniana, tanto a interpretação como a contemplação tornam-se fundamentais no processo do conhecimento do mundo, nas investigações sobre a obra de arte e na produção artística. Podemos perceber na tessitura da obra *Ontologia e estética em Luigi Pareyson* que o filósofo de Turim se distancia dos dualismos reducionistas que impedem uma posição filosófica sobre a arte capaz de compreendê-la em sua totalidade.

A obra de Íris Uribe traz ao público de língua portuguesa a exposição de um pensamento que ultrapassa as barreiras da estética e da filosofia da arte, uma vez que nos põe em contato com uma reflexão rigorosa sobre a Ontologia, sobre a Antropologia Filosófica, sobre a Epistemologia e especificamente sobre a Estética e a Filosofia da Arte.

Portanto, podemos dizer que, ao apresentar a teoria da formatividade de Pareyson, a autora nos apresenta outras possibilidades investigativas das estruturas do pensamento filosófico italiano do século XX. O livro de Íris Uribe é, por conseguinte, uma contribuição fundamental para as pesquisas filosóficas sobre a Estética e a Filosofia da Arte no Brasil.